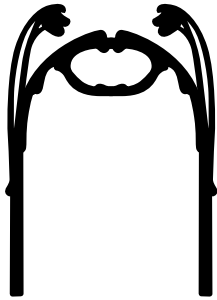




Julien Green

# PARIS



Tradução de  
Carlos Vaz Marques

COORDENADOR DA COLECÇÃO  
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMVIII

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

© Julien Green, 1983.  
World Copyright © Librairie Arthème Fayard 1995.

Título original: *Paris*  
Autor: Julien Green  
Tradução: Carlos Vaz Marques  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa: Vera Tavares  
Composição: Guide – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Setembro de 2008

ISBN 978-972-8955-75-5  
Depósito Legal n.º 281527/08

## ÍNDICE

### PREFÁCIO 9

Sonhei muitas vezes escrever...	17
Passy	25
São Julião, o Pobre	29
A elevação do décimo sexto bairro	35
Uma cidade secreta	39
O Palais-Royal	43
Observando as vistas de França	47
O Viajante	51
Em Notre-Dame	55
As escadas de Paris	59
Val-de-Grâce	65
A escola horrível	69
O claustro de Les Billettes	73
Fala o Trocadéro	77
Museus, ruas, rostos e estações do ano	81
Paris encantada	99
Gritos perdidos	101
Paisagem parisiense	103
Escuta, lenhador...	105
A cidade sobre a cidade	107
Passeio de Verão	111
Inventário do futuro	119
NOTA BIOGRÁFICA	123



## PREFÁCIO

HÁ NESTE LIVRO uma palavra que ficou deliberadamente por traduzir. Talvez aquela que melhor define o espírito deste texto e o espírito com que Julien Green o escreveu. *Flâneur*, na definição do Grande Dicionário de Francês-Português Domingos Azevedo, é aquele «que passa o tempo passeando sem destino pelas ruas e praças». Será também o «ocioso», ou mesmo, na definição do dicionário da Porto Editora, o «vadio», «o polidor de calçadas». Em todo o caso, traduções que não esgotam nem transportam em si a polissemia e o perfume da palavra francesa.

É certo que o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa recolhe o termo *flanador*, a palavra *flanância* e mesmo o verbo *flanar*. Galicismos cujas primeiras ocorrências datam de finais do século XIX (com excepção de *flanância*, de que só há registo já nos anos setenta do século XX). Expressões que o idioma nunca terá absorvido por inteiro e que estão longe de fazer parte do léxico comum.

O que as palavras (ou a ausência delas) dizem acerca dos hábitos dos povos seria matéria para as mais absorventes

especulações, naturalmente, mas não é este o momento apropriado para esse tipo de exercícios. Será de notar, contudo, que na língua portuguesa também se *passa*, também se *deambula*, também se *vagueia* e se *perambula*, embora sem que esses saudáveis hábitos tenham sido elevados, pelo menos em termos lexicais, à categoria de um estado de espírito e de um modo de estar claramente identificáveis. É aqui que entra o conceito de *flânerie*, em que cabe por inteiro este texto belíssimo e inclassificável.

Ficará para os exegetas da obra de Julien Green decifrar até que ponto terá sido relevante, para a relação do escritor com a cidade onde nasceu, o facto de ele ter querido manter-se estrangeiro nela até ao fim da vida. Estrangeiro, aqui, não é uma força de expressão, nem um recurso estilístico. Trata-se da descrição prosaica e factual do estatuto de cidadão norte-americano de que nunca abdicou. Nem mesmo quando o presidente Pompidou lhe propôs que aceitasse a cidadania francesa.

Filho de pais emigrados, vindos da América sulista, Julien Green nasceu em Paris, viveu em Paris durante toda a vida (à excepção dos tempos de estudante e do período de exílio que correspondeu à Segunda Guerra Mundial), morreu em Paris e foi, nas suas próprias palavras, «um escritor francês de nacionalidade americana». Tornar-se-ia, aliás, o primeiro escritor estrangeiro a conquistar um lugar na Academia Francesa.

*Paris* é, de alguma forma, uma espécie de testamento. Foi um dos últimos livros publicados por Julien Green e não

será descabido ver nele a chave para muito do que o autor escreveu. Uma chave que o próprio assinala, referindo-se expressamente a alguns dos romances que publicou.

Mais do que um texto atravessado por uma melancolia que tem já qualquer coisa de despedida, *Paris* será, acima de tudo, no entanto, uma declaração de amor, um álbum de memórias e um guia poético e pessoalíssimo sobre uma cidade transformada em personagem central não só deste livro como da própria vida do seu autor.

Literatura de viagens, portanto. Porque há intensidades amorosas que só a literatura sabe exprimir. Do mesmo modo que há descobertas que só se fazem viajando. Seja a viagem para os antípodas ou, como neste caso, em pequenos passos, numa *flânerie* permanente, à volta do lugar que se aprendeu a conhecer como nosso, num trajecto feito não só no espaço mas também (e talvez sobretudo) no tempo.

CARLOS VAZ MARQUES



**S**ONHEI MUITAS VEZES escrever um livro sobre Paris que fosse como que um grande passeio sem fim, daqueles em que nunca se encontra nada daquilo que se procura, mas sim aquilo que não se procurava. Esta é mesmo a única forma através da qual me sinto capaz de abordar um assunto que me desencoraja tanto quanto me atrai. E, acima de tudo, creio que não direi uma palavra a respeito dos grandes monumentos e de todos os lugares acerca dos quais se esperaria uma descrição como deve ser. Talvez porque tenha olhado para elas demasiadas vezes, já não vejo as glórias arquitectónicas de Paris com toda a necessária liberdade de espírito. Prevenido contra ou a favor de cada uma delas, tomei partido, sou injusto. Mil vezes desejei ver a Torre Eiffel submersa, agradecer-me-ia tomar conhecimento de que os dois Palácios, o grande e o pequeno, que desonram o Cours-la-Reine, tinham desaparecido a meio da noite. As minhas preferências vão para as velhas pedras, não o escondo, mas choraria de enfado se tivesse de escrever uma página a respeito do Hôtel des Invalides, porque amando-o como o amo não

saberia na verdade o que dizer dele. Tal como ficaria mudo perante Notre-Dame, incapaz de falar, sem dúvida, pela vergonha do que ouviria da minha própria boca, eu que admiro sem a invejar a coragem daqueles a quem a auto-suficiência ou o génio lançam sobre um monstro assim: pela minha parte, prefiro ficar calado e Notre-Dame continua a ser para mim Notre-Dame, um ponto, nada mais.

A meus olhos, Paris há-de permanecer como o cenário de um romance que jamais alguém escreverá. Quantas vezes regressei de longos passeios por velhas ruas, com o coração carregado de tudo aquilo que tinha visto de inexprimível! Será isto uma ilusão? Não creio. Acontece-me com frequência parar de repente perante uma grande janela, ornamentada de rendas falsas, nos confins de um velho bairro, e sonhar incessantemente com os destinos incógnitos que se desenrolam ao abrigo daqueles vidros pretos. O meu olhar distingue um pequeno ramo de flores que muda ou desaparece consoante as estações, colocado no centro de uma mesa coberta por um tecido sombrio; e é tudo, mas talvez seja o suficiente. Quem vive, quem morre entre aquelas paredes? Para um romancista, qualquer existência, mesmo a mais simples, esconde o seu irritante mistério, e a soma de todos os segredos que uma cidade contém possui qualquer coisa que tão depressa o estimula como o faz sucumbir. Que imenso desperdício de situações, de palavras, de golpes de teatro, de personagens, de encenações! Como não nos comovermos perante uma tal abundância? Copiar não é possível. Apenas os fracos e os tolos copiam. Não, trata-se

de fazer igualmente bem, se formos capazes, com os nossos próprios meios. Começa então o estranho suplício da página em branco na qual é preciso abrir uma janela que não seja a que vi há instantes, mas cuja veracidade seja igualmente imperiosa.

Durante os longos anos de guerra em que vivi longe de Paris, frequentemente me interroguei como é que num pequeno compartimento do cérebro humano podia caber tão grande cidade. Paris tinha-se tornado para mim uma espécie de mundo interior no qual eu deambulava nas difíceis horas da aurora, quando o desespero circula ao redor daquele que está a dormir e que desperta; mas precisei de bastante tempo até franquear de uma forma determinada o acesso a essa cidade secreta que eu transportava em mim, porque houve de início aquelas semanas negras durante as quais o simples nome de Paris macerava o coração de quem o ouvia. Fechava portanto para mim próprio as portas da minha cidade, cortava-lhe as avenidas do ponto mais longínquo que me fosse possível. À noite, contudo, desobedecendo à minha própria determinação, como um espião ou como um larápio, deslizava pelas ruas, deslocando-me incessantemente de casa em casa. Aparecia de repente numa sala onde alguns amigos se escondiam. «O quê! É você! És tu!» O interminável diálogo desenvolvia-se, perdurando até ao nascer do dia. Aquilo que não podíamos dizer-nos uns aos outros, de uma costa a outra do Atlântico, dizíamo-lo de um coração ao outro nesses encontros alucinados. Deixava de haver toda aquela massa de água entre nós, eu tinha abolido

o espaço, eu estava lá. Queria saber tudo. Ao sair, tocava com a mão nas pedras das casas e no tronco das árvores e despertava com o sentimento bizarro de estar simultaneamente satisfeito e frustrado.

À medida que ia evocando a capital, ela ia-se reconstruindo em mim e eu substituía a sua presença física por algo quase sobrenatural a que não sei que nome atribuir. Um mapa de Paris, afixado na parede, retinha-me demoradamente o olhar e ia-me ensinando quase sem que eu desse por isso. Descobri que Paris tinha a forma de um cérebro humano. Voltou-me à memória uma cabeça de homem aberta em dois que eu observava, criança, na montra de um oculista e que mostrava aos curiosos o interior do nosso crânio. Com um misto de interesse e horror, eu examinava aquela massa branca, rosada e vermelha que me provocava pesadelos na noite seguinte. Em vão dizia para mim próprio que aquilo não passava de um objecto de cartão ou de porcelana; continuava apesar disso a ser revoltante. Por uma questão de justiça, seria necessário reconhecer aos frenologistas o desejo de poupar as almas sensíveis como a minha, dando ao homem do crânio aberto uma expressão de indiferença amável e quase divertida; não o perturbava minimamente ter o cérebro ao ar livre e era também com placidez que aceitava que lhe tivessem colado umas etiquetas minúsculas em cada uma das circunvoluções cerebrais, porque era aí que estava o interesse daquela descoberta: tínhamos medo, mas adquiríamos conhecimento; via-se por exemplo onde está situada a memória, ou a invenção, ou as línguas,

ou o raciocínio. Isto horrorizava mas, apesar disso, exaltava-nos a ideia de ter debaixo do cabelo aquele quilograma de cérebro pensante e capaz de tanta coisa. Pela minha parte, sentia-me simultaneamente orgulhoso e um pouco enjoado. Hoje, o homem dos frenologistas não me provocaria o mais pequeno arrepio na nuca, mas continuo a maravilhar-me só de pensar em tudo aquilo de que o nosso cérebro é capaz com um pouco de esforço; basta, de resto, abrir um jornal e ver aquilo que fizemos do mundo para reconhecer com toda a imparcialidade que somos seres verdadeiramente superiores!

Seja como for, o mapa de Paris ajudou-me mais do que uma vez a passar algumas horas difíceis e, ao ter-lhe descoberto a semelhança a que já me referi com o cérebro humano, esforcei-me por colocar dentro dos limites desta cidade todas as circunvoluções observadas em tempos. Comprazia-me assim a imaginar que tinha nascido na zona da imaginação e que tinha crescido no meio da memória; hesitava quanto à localização da vontade, da reflexão e do paladar, fazendo-os incessantemente mudar de bairro; por vezes parecia-me natural que a capital devesse relembrar a sua história recorrendo à ajuda do Marais, que ela fizesse o seu trabalho intelectual com o auxílio do v bairro e os seus cálculos aritméticos na zona da Bolsa; mas a atravessar tudo isso estava o Sena, que representava a meus olhos aquilo que transportamos em nós de instintivo e de inexprimível, como uma grande corrente de inspirações incertas que procura cegamente um mar onde possa perder-se...



## VAL-DE-GRÂCE

NUMA TARDE DESTAS, enquanto andava a passear para os lados da rua des Feuillantines, o nome de Val-de-Grâce acompanhava-me. Quando se sobe a rua Saint-Jacques, a certa altura ela estreita-se, tornando-se a rua de província que desejaria ser. Se a noite estiver clara, se as sombras forem nítidas e se for suficientemente branca a luz da lua, surge um momento em que o *flâneur* mais bem informado acerca de todo o mistério da sua cidade pára e observa em silêncio. Paris não se entrega de modo nenhum a gente apressada, já o disse, ela pertence aos sonhadores, àqueles que sabem divertir-se nas ruas sem se preocuparem com quaisquer tarefas urgentes que os chamem algures; a recompensa obtida é a de se ver aquilo que jamais poderá ser visto pelos outros. Paris tem, ainda para mais, esta particularidade de se revelar melhor de noite que de dia. Dir-se-ia que a cidade espera até que toda a gente esteja já deitada. Em pleno sol, mantém o discurso de todas as capitais antigas, com efeitos de retórica que impressionam: uma determinada avenida é um longo período conduzido com firmeza até uma conclusão que já

se previa, sem se acreditar que ela fosse possível; uma determinada praça é um lugar comum renovado com a aparente facilidade do génio. Mas, no escuro, Paris é completamente outra, e se fala é a si mesma que dirige o seu discurso de trevas. Não tenho a pretensão de perceber grande coisa desse discurso, mas sei que, quando se alcança a partir da rua Saint-Jacques a pequena praça que se estende em semi-círculo frente a Val-de-Grâce, será impossível não parar de repente, se os raios da lua se derramam na vertical sobre a cúpula da igreja. Vi algo assim numa noite destas. Como uma grande pantalha negra, a fachada permanecia na escuridão com os seus frontões, as suas colunas e a fita enrugada das suas cornijas, todo o pregueado de um estilo maravilhosamente fora de moda, enquanto por detrás desse pedaço de eloquência tinha lugar uma espécie de milagre: a cúpula dissipava-se na luz que parecia transformar-lhe a substância. Era como se aquele zimbório se tivesse transformado em vidro e quase como se pudéssemos esperar ver as estrelas brilhando através daquela arquitectura de sonho.

Sempre pensei que ao observar as coisas com muita atenção e perseverança pudéssemos acabar por lhes roubar parte dos segredos, obrigando-as a dizer-nos aquilo que elas com absoluta tenacidade pretendem guardar para si próprias. Uma simples pedra tem em si mesma um mistério: a matéria é o reverso taciturno de um tagarela. Apanhado então pela beleza daquela cúpula aérea, via-a recuar sobre um céu transparente e assumir de imediato um ar de esplendor quase oriental; depois cresceu até quase preen-

cher por completo a abóbada nocturna e, tornando-se de um negro de tinta, à súbita passagem de uma nuvem carregada, ofereceu aos meus olhos os contornos majestosos de uma basílica romana. Este género de transformações apelava irresistivelmente à ideia de uma espécie de música que só o espírito podia apreender. Mantive-me ali comovido por tudo o que me tinha sido oferecido de repente com a graça de um pouco de luz e surgiu-me imediatamente a ideia de que talvez aquilo que eu via não perdurasse, que outras igrejas, tendo apenas como escudo protector a sua beleza, tinham desabado tristemente sob bombas, e que numa noite, talvez uma noite tão pura como aquela, não sei que engenho de uma sábia barbárie esmagaria esta cúpula como uma casca de ovo; e a igreja murmurou então distintamente estas palavras, que revelam um pouco do segredo das pedras de outrora: «Quanto mais estou ameaçada, mais bela me torno.»



## NOTA BIOGRÁFICA

JULIEN GREEN nasceu em Paris no ano de 1900. Romancista, dramaturgo e crítico literário, foi o primeiro escritor não francês a ser integrado na Academia Francesa, que lhe atribuiu, em 1971, o Grande Prémio da Literatura como reconhecimento pelo virtuosismo literário das suas obras.

Os pais de Green eram americanos, mas, por motivos de trabalho, viveram durante vários anos em França. Julien Green foi combatente do exército francês durante a Primeira Guerra Mundial, antes de entrar para a Universidade da Virgínia, onde estudou Grego, Latim, Alemão, Literatura Inglesa e História. Em 1921-2 deu aulas nesta universidade. O seu primeiro trabalho literário, um conto intitulado «The Apprentice Psychiatrist», foi publicado na *University of Virginia Magazine*. Regressou a França em 1922, onde viveu durante vários anos, mas voltou para os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, juntando-se ao exército americano. Após o fim do conflito, foi novamente viver para França.

Entre os romances de Julien Green contam-se *Mont-Cinere* (1926), *Léviathan* (1929), *Si j'étais vous* (1947), *Moira* (1950), *Chaque homme dans sa nuit* (1960), *L'Autre* (1971) e a trilogia *Les pays lointains* (1987). Escreveu também diversas peças de teatro, uma das quais, *Sud* (1953), foi adaptada para uma ópera com música de Kenton Coe. A autobiografia *Memories of Happy Days* (1942) foi o seu único livro escrito

em inglês. É ainda autor de um grande número de ensaios críticos, nomeadamente de um importante artigo acerca do *Ulisses*, de James Joyce, e de uma biografia de São Francisco de Assis.

*Paris*, datando de 1991, foi um dos últimos livros escritos por Julien Green, que morreu nessa mesma cidade, em 1998.

